

Apresentação – por Josep Maria Basart

Não é fácil – e talvez não seja possível – falar do mundo em geral. Apesar de algumas formas de globalização terem se estendido com rapidez, o mundo, gostemos ou não, continua sendo diverso. No entanto, parece bastante compartilhada a sensação de que vivemos em uma época muito incerta e instável. Estamos desorientados no dia a dia e não percebemos com clareza que futuro nos espera. A política, a economia, a filosofia, o direito, abandonaram seus esquemas tradicionais e se situaram num lugar inóspito, onde amiúde falta a coerência, quando não a racionalidade. Não estamos em condições de entrarmos em acordo sobre o que deveríamos abandonar, promover ou preservar. Ao mesmo tempo, nos damos conta que a continuidade da vida humana tal como existe na atualidade está em perigo. A natureza tem nos dado sinais claros de até que ponto alteramos o equilíbrio do ecossistema.

Podemos dizer, portanto, que nos encontramos imersos em uma crise social, ecológica e econômica de alcance global. A partir de agora, o que poderá nos orientar? Onde se encontram, se é que ainda existem, as autoridades em que podemos confiar? Quais devem ser os novos objetivos a curto e médio prazo, e como podemos alcançá-los? Seremos capazes de estabelecer paradigmas, princípios ou critérios de atuação que sejam, ao mesmo tempo, humanizadores, eficazes e aceitáveis para todos?

Jaume Agustí nos oferece uma proposta muito meditada, ambiciosa, original e corajosa. Ela nos devolve a confiança em nós mesmos porque nos permite enfrentar com ânimo renovado todos estes interrogantes a partir de uma perspectiva audaciosa, mas que não deixa de ter sempre os pés no chão. Este é um projeto que pode ser qualificado como utópico, não no sentido de sugerir algo irrealizável mas, melhor, no sentido de apresentarmos um ideal, um marco de referência que pode nos servir de guia, de três maneiras diferentes, na hora de tomar múltiplas e diversas decisões que constantemente se nos apresentam, sejam em nível individual ou coletivo.

Sua apresentação parte da consideração que, como espécie, alcançamos um grau de desenvolvimento que torna possível que vivamos na criatividade e da criatividade. Este deve ser o eixo dos novos desenvolvimentos na fase histórica pós-industrial que nos encontramos agora. Um eixo que incorpora a fundamentação, a orientação e a regulação de nossas ações e escolhas.

Fundamenta, dado que a criatividade essencial que nos é própria corresponde à liberdade criativa da realidade (gratuita, inefável e irredutível) em sua manifestação específica nos seres humanos. Orienta, posto que se concretiza nas capacidades criativas constitutivas do ser humano. Capacidades interdependentes que cooperam entre si de forma natural e complementar. Qualidades, pois, que nos são comuns e que sempre se encontram disponíveis, contanto que sejam cultivadas em cada pessoa, se queremos que se manifestem plenamente. Elas nos permitem ir contra os impulsos de violência que tão frequentemente expressamos através das relações de dominação e exploração que estabelecemos. Em último termo, regula porque tem como objetivo a integração harmônica da inteligência funcional própria das tecnociências atuais com a inteligência qualitativa e integradora que podemos encontrar por toda a parte do planeta, nas antigas tradições de sabedoria.

Em conclusão, a proposta nos convoca à interrogação, indagação e inovação continuadas, com a máxima abertura possível, em todos os âmbitos e níveis. A partir de valores que serão determinados dinamicamente e livremente, como reconhecimento daquilo que está mais vivo em nós, aquilo que mais nos motiva e dá sentido aos nossos atos cotidianos e que nos permite, ao mesmo tempo, não renunciar aos nossos anseios mais profundos.